COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

IARK, Ellen Fabiane Mancini Muller; VOLPI, José Henrique. Maternidade: o florescer da identidade da mulher-mãe segundo a Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/ Acesso em: ____/____/____.

MATERNIDADE: O FLORESCER DA IDENTIDADE DA MULHER-MÃE SEGUNDO A PSICOLOGIA CORPORAL

Ellen Fabiane Mancini Muller Iark
José Henrique Volpi

RESUMO

A maternidade possui em seu bojo um universo que transcende os conceitos dos mais renomados teóricos. Cravejada de afetos, angústias, frustrações e transformações, que permeiam a experiência que se inicia na concepção e não possui fim em si mesma, a maternidade precisa ser analisada através de um olhar humanizado, de compaixão e compreensão da subjetividade que floresce e dá vida à esta nova identidade: a mulher-mãe. Sob o olhar das teorias de Wilhelm Reich e Federico Navarro, esse seminário visa explorar as nuances das transformações psicológicas que ocorrem para a aquisição dessa nova identidade.

Palavras-chave: Maternidade. Mulher. Corpo. Transformação. Psicologia. Energia. Reich. Navarro.

Os processos físicos e psicológicos envolvidos na maternidade são impactantes na vida da mulher. É necessário um olhar sensível sobre o tema, para melhor compreendermos que nem toda mulher escolhe ser mãe, deseja o filho, ou se sente apta para enfrentar os desafios que a maternidade carrega consigo. Atualmente a maternidade está passando por um processo de glamourização, que pouco tem a ver com a rotina de uma gestante fora do mundo virtual. Fotos em estúdio, blogs que relatam o dia-a-dia da gestante, com inúmeras dicas que se revelam receitas absurdas para viver a vida, tutorial no *you tube* de como uma grávida deve ou não deve se preparar para a maternidade, gestantes que pregam exageros em academias, e a exposição cada vez mais doentia da vida privada. Mas até onde isso pode ser prejudicial para as mulheres do séc XXI? A angústia de precisar se encaixar em padrões ditados pela mídia, pelas novelas e séries? Ser mulher é um grande desafio nos tempos de hoje, tronar-se mãe, então, um desafio ainda maior.

Em termos de maternidade, desde o momento da concepção do seu novo hóspede (desejado ou não, amado ou não), o corpo da mulher passa por transformações físicas, químicas e emocionais, e posteriormente na sua vida social e conjugal. A partir disso, se inicia um processo de transição marcado por períodos de ansiedade, variações de humor, e todo o tipo de fantasia que povoam seu pensamento, desde a relação com as mudanças do seu

corpo, até a saúde do bebê. Mas do que, de fato, se constitui um processo saudável para a nova mamãe que irá contribuir com o desenvolvimento energético, físico e emocional do seu bebê?

A partir da concepção reichiana, Volpi (2019) aponta que a energia orgone circula verticalmente pelo corpo, ao longo do eixo da medula, em direção da cabeça aos pés, e que quando bloqueada, dá origem à couraça muscular, que pode ser percebida em segmentos horizontais, que impede o reflexo orgástico na pelve. Visto que a pelve é onde os órgãos genitais se encontram, um bloqueio energético neste segmento certamente comprometeria o patrimônio energético dentro do útero materno. Reich (in VOLPI, 2002, pg 17) afirma que, desde a formação do embrião, até o nascimento, o organismo da mãe cumpre a função de meio, e que um útero com uma boa energia favorece o desenvolvimento do embrião, uma vez que a circulação de sangue e líquidos corporais é mais completa, tornando o metabolismo energético mais eficiente permitindo sua contração livremente. A energia orgone que flui em nosso corpo forma um campo energético que se amplia segundo as conexões que fazemos a partir da mãe, até nosso contato com o cosmos. A respeito disso, Volpi e Volpi descrevem que:

> Ao longo de nosso desenvolvimento psico-afetivo passamos pelos chamados campos energéticos nos quais entramos (nos conectamos), saímos (nos desconectamos) e em alguns casos retornamos (nos reconectamos), campos esses com os quais fazemos nossas conexões. Estamos o tempo todo inseridos e mergulhados nessas conexões seja com pessoas, com objetos, com a natureza ou com o cosmos. O primeiro campo energético é o fusional e diz respeito ao período gestacional e a ligação bebê com o útero materno. O bebê sente que é parte do organismo materno sem qualquer tipo de separação. O segundo campo é o simbiótico e é o campo da relação estabelecida entre o bebê e a mãe. Nesse campo o bebê já será capaz de sentir e perceber que ele não é parte do organismo materno como no caso do fusional, mas, que pertence a esse organismo podendo se separar dele. (VOLPI e VOLPI, 2015, pg 2)

Portanto, durante a gestação e os primeiros momentos de vida do bebê acontecem trocas energéticas, respectivamente, da mãe com o feto no campo energético fusional, e da mãe com o bebê recém-nascido através do campo simbiótico. Reich (1989, pg16) afirma que “Se a mãe apresentar um campo energético fraco, o bebê também não estará bem corporalmente”. Um campo energético fraco pode ser resultado da ação de inúmeros fatores sobre o organismo da mãe. Segundo Papalia e Feldman (2012), antes mesmo da descoberta da gravidez, que geralmente está relacionada com a interrupção da menstruação, a mulher pode experimentar sinais e sintomas como: mamas ou mamilos inchados, fadiga, sangramento

leve ou cólicas, desejos por comida, náusea com ou sem vômito, vontade frequente de urinar, leves dores de cabeça frequentes, constipação, variações de humor, fraqueza e tontura, aumento da temperatura basal do corpo. Todas essas mudanças corporais são acompanhadas de algum nível de ansiedade ou angústia. Reich explica o que acontece com um organismo quando esse experimenta a angústia:

> No prazer, "o coração expande-se" (dilatação parassimpática) e a pulsação é calma e cheia. Na angústia, o coração contrai-se e bate fortemente. No primeiro, impele o sangue através de vasos largos; o seu trabalho é, portanto, fácil. Na última, impele o sangue através de vasos estreitados: seu trabalho é difícil. No primeiro, o sangue é distribuído predominantemente em direção à periferia; na segunda, os vasos contraídos causam uma congestão no sangue na direção do coração. Assim, é facilmente compreensível que com a angústia haja um sentimento de opressão; inversamente, com um sentimento de opressão vem a angústia. (REICH, 1975)

Durante a vida intrauterina, o embrião está suscetível às emoções e sensações da mãe. Navarro dá especial destaque à psique do embrião, que começa a se formar logo na concepção. Cargas energéticas dos pais se fundem, influenciando o desenvolvimento do embrião. Qualquer tipo de estresse, ameaça de aborto ou emoções danosas por parte da mãe, determinarão um "grave estado de baixa energia vital" (hiporgonia total), desencadeando no embrião mecanismos de defesa que se manifestam através de patologias diversas. Já no período fetal, com o desenvolvimento do sistema neurovegetativo, ativa-se, como defesa do feto ao estresse, um mecanismo de contração do organismo, que se fecha para o exterior e "bloqueia a circulação plasmático-energética normal" (NAVARRO,1996), ocasionando uma hiporgonia de tipo desorgonótico (baixa carga energética desorganizada). A energia, então, passa a se acumular no cérebro reptiliano (responsável pelas funções vitais). Observa-se também o deslocamento de energia para o alto da região umbilical deixando-a hiporgonótica, fazendo com que o feto perca o "contato" com o útero da mãe, reduzindo o campo energético, caracterizando assim o núcleo psicótico intra-uterino. No quarto ou quinto mês de gestação começa a se delinear "um eu fetal", capaz de ouvir e ver, mas de predominância auditiva.

A partir desta análise, observamos o quão danoso para o bebê um útero hiporgonótico pode ser. Podemos perceber que, enquanto a mãe atravessa esse período de metamorfose em relação à sua identidade, o feto está a todo instante, suscetível a qualquer variação energética, hormonal e emocional que venha dela.

Nos primeiros três meses, enquanto o minúsculo embrião se desenvolve dentro de um ambiente que deve prover afeto e calor, a mãe entra em um processo de aceitação dessa nova identidade, mas, sabemos que nem sempre esse ambiente é favorável para o feto. Já pontuamos a sensibilidades do feto ao estímulos físico-químicos-energéticos provindos da mãe, e essa relação com o meio é responsável pela formação do novo indivíduo e sua subjetividade.

Segundo Volpi e Volpi:

> Durante toda a gestação e primeiros anos de vida, a criança mantém a sua relação com o meio ambiente a partir do sentir, o qual, de um ponto de vista mais sutil, corresponde aos movimentos plasmáticos do organismo, onde o fluxo dos líquidos se altera segundo os movimentos de expansão e contração de órgãos e vísceras, movimentos estes determinados pela prevalência do sis,ema nervoso simpático e parassimpático. A criança possui um sistema energético que está em contínua interação com o meio ambiente e dele depende para a formação de seu caráter que, por sua vez, é moldado de acordo com as experiências vividas. Assim, o organismo se modela de acordo com o meio ambiente em que a criança é inserida. (VOLPI e VOLPI, 2004)

Se observamos que o ambiente que a mão proporciona é um ambiente carregado de emoções como o medo, a angústia e, também, de estresse, toda essa carga se trona um grande adversário do desenvolvimento saudável do bebê. A respeito disso, Navarro (2013, pg 12) afirma que “a emoção primária de consequência negativas é o medo (que no fundo é sempre o medo de morrer, ou melhor, de não viver agradavelmente. O medo é a base de cada patologia como elemento determinante e/ou desencadeante da condição de contração como mecanismo de defesa...” e que o seu predomínio no feto é neurovegetativo visto que o terreno biológico neste período é de predominância hormonal. Logo em seguida Navarro afirma que “para garantir a sobrevivência do feto a energia vai concentrar-se nas células da base do cérebro (o cérebro reptiliano, segundo Maclean), isto é, a zona diencéfalo-hipofisária onde estão localizados os centros nervosos viscerais vitais, reassegurando-lhe o funcionamento para a vida”. Essas condições, somadas ao terreno hiporgonótico que se instaurou, favorece a manifestação de algumas neuropatias, autismo e tumores malignos irrecuperáveis. Já no período neonatal, em que o campo energético é simbiótico, o medo pode dar origem às doenças psicossomáticas.

Papalia e Feldman (2012, pg 118) pontuam que o “estresse e ansiedade relatados por uma mãe durante a gravidez foram associados a recém-nascidos com temperamento mais

ativo e irritável", assim como "em um estudo sobre crianças britânicas, aquelas cujas mães tinham estado deprimidas durante a gravidez mostraram elevados níveis de comportamentos violentos e antissociais na adolescência, mesmo quando ambiente familiar, depressão materna continuada e exposição pré-natal ao álcool e à nicotina foram controlados". Assim, percebemos, mais uma vez, os prejuízos que comprometem a saúde do bebê e estão inseridos na experiência da maternidade.

É preciso romper as barreiras que cercam esse universo maternal. A subjetividade da mulher pouco é explorada nesse âmbito. Logicamente que as questões pontuais sempre estão direcionadas ao bebê, mas a metamorfose da identidade da mulher é a maior influenciadora da saúde psíquica e energética no novo indivíduo. A maternidade envolve uma abnegação que é um "deixar de si" para "viver para o outro". Mães de todas as culturas possuem um discurso em comum: "minha vida nunca mais foi a mesma depois do nascimento do meu filho(a)" (um enfoque especial para nascimentos do "coração", pois, filhos adotivos transformam mulheres em mães de uma maneira ainda mais especial). Deixar de ser apenas mulher, para se transformar em uma mulher-mãe, ou uma mulher-mãe de coração, significa, na maioria dos casos, amar incondicionalmente alguém que foi gerado, amado, aguardado, e que carrega aquela sua centelha de vida. Que depois de vivenciar processos tão intensos, dedica-se de corpo e alma em prol do amor. Esse amor, fruto das experiências da gestação, ou da ansiedade envolvida na expectativa de conhecer o(a) filho(a) do coração, é a força que mantém um elo tão profundo que em toda a existência permanecerá. Um elo energético inexplicável, nutrido apenas pelo sentir.

REFERÊNCIAS

NAVARRO, Federico. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Summus, 1996.

NAVARRO, Federico**. Somatopsicodinâmica das biopatias**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013

REICH, Wilhelm. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1975

VOLPI, José Henrique. **Compreendendo, por meio do relato de mães, o estresse sofrido durante a gestação e primeiros anos de vida da criança com cancer.** São Bernardo do Campo, 2002

VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Conexões, desconexões e reconexões energéticas que compõem a estrutura emocional.** In: CONGRESSO BRASILEIRO e

ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, 2015, XX. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2015.

VOLPI, José Henrique. H. **O meio ambiente estressante comprometendo o desenvolvimento neuropsicofisiológico da criança.** Curitiba: Centro Reichiano, 2004.

VOLPI, José Henrique. **Psicoterapia Corporal – um trajeto histórico de Wilhewlm Reich.** Curitiba: Centro Reichiano, 2a. ed, 2019.

PAPALIA, Diane E. FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre. AMGH Editora Ltda. 2012.

AUTORA e APRESENTADORA

Ellen Fabiane Mancini Muller Iark / Curitiba / PR / Brasil
Formada em Licenciatura em Música pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná.
Graduanda em Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná.
Pós-graduanda em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano – Curitiba/PR
E-mail: ellenmancini@hotmail.com

ORIENTADOR

José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil
Psicólogo (CRP-08/3685), Analista Reichiano, Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Eriksoniana e Psicodrama. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.
E-mail: volpi@centroreichiano.com.br

Este artigo veio acompanhado da DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA DA NÃO VIOLAÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS DE TERCEIROS, de posse do Centro Reichiano.